

**SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Baú da memória: crônicas do colégio*.
Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.**

Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira*

Diz a sabedoria popular que “uma memória puxa outra”. Maurice Halbwachs demonstrou que o povo sabe o que diz. Assevera esse sociólogo da memória que lembramos com mais facilidade dos fatos e noções que são de domínio comum, e que é justamente por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de lembrar esses fatos e essas noções sempre que quisermos. Ou seja, as nossas lembranças se apoiam nas lembranças dos outros e é a existência deles que nos possibilita desenrolar o fio da memória mais facilmente. Foi assim que a leitura de *Baú da memória: crônicas do colégio* (re)conduziram-me, num processo rememorativo, aos meados da década de 1980, quando, aluna do curso de Letras da UFG, tive por professora Vera Maria Tietzmann Silva.

As aulas da professora Vera significavam sempre um deleite. Um deleite que nos provocava ao desafio teórico e crítico, mas um deleite. Por suas mãos, por seus gestos, por sua voz, a literatura nos envolvia como o canto das sereias: impossível resistir. E se ela chegasse e se sentasse sobre a mesa do professor, sem nenhuma afetação, sem qualquer preocupação se essa era uma postura politicamente correta para uma professora, poderíamos esperar, então, que a aula seria de imersão numa narrativa lida com tal entonação, interpretação e emoção que emergiríamos dela transformados. Muitas vezes, transtornados. Se uso, neste parágrafo, a primeira pessoa do plural, não é por modéstia. É para evidenciar que havia uma quase unanimidade entre os alunos quanto à competência da professora Vera para nos envolver nas tramas literárias. E não tenho dúvidas: todas as lembranças que povoam

* Professora de Língua Portuguesa do Cepae/UFG, doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFG.
E-mail: ilseleone@yahoo.com.br

minha mente, enquanto escrevo este texto, são fios da memória que a leitura de *Baú da memória: crônicas do colégio* me possibilitaram desfiar, realizando, conforme Ecléa Bosi, um trabalho de produção do passado.

Esse é o trabalho que Vera Maria Tietzmann Silva empreendeu em *Baú da memória: crônicas do colégio*. Aninhada nos braços de Mnemósine – a deusa que resgata pela memória e salva do esquecimento tudo o que Cronos, o cruel deus do tempo, parece destruir irremediavelmente –, a autora produz um passado que, se é seu e de seu grupo de colegas e professores, é também de todos nós, porque, de alguma sorte, partilhamos dessa memória da escola, da educação no Brasil. O tom despretensioso, já de início anunciado por Silva para sua escrita, confere ao texto, por um lado, a característica do relato que envolve o leitor pela aparente facilidade da leitura. Por outro, produz efeitos complexos, próprios às narrativas ditas literárias, porque arremete o leitor a uma viagem no tempo, repleta de imagens, de quadros, de episódios, de emoções e sensações, tudo pintado com o pincel de uma linguagem delicadamente matizada por suas reminiscências.

O livro *Baú da memória: crônicas do colégio* organiza-se em seis capítulos, que se dividem em subitens, conforme sua temática. Cada capítulo é aberto por uma epígrafe: fragmentos de um dos livros de memória do poeta e cronista Álvaro Moreyra, *As amargas, não!* Verdadeira prosa poética, textos de profunda leveza e doce melancolia. Excertos que convidam o leitor à atividade de rememoração, como se o convidasse a um chá servido pelas filhas de Mnemósine, as musas inspiradoras das artes. Há sintonia perfeita entre as epígrafes e os capítulos que elas abrem. Silva justifica que, assim como Moreyra, ela deliberou recolher no baú da memória apenas as lembranças boas e pintá-las em tons amenos, “as cores meio desbotadas, como convém a retratos antigos”. Assim, no capítulo “A memória, esse baú de guardados”, relata a gênese de seu livro: um convite para comemorar os 50 anos de conclusão do curso ginásial no Colégio São José, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Nesse mesmo capítulo, a autora discorre sobre narrativas literárias que contêm reminiscências dos tempos de escola, além de teorizar brevemente sobre o processo de construção de memórias. Interessante como a professora Vera logra integrar, em seu livro, narração e teoria, conferindo à primeira consistência teórica e à segunda, fluidez narrativa.

Em “Quarta série, 1960”, tomando de Todorov o conceito de pan-determinismo, um determinismo generalizado que seria “uma espécie de concerto cósmico regendo o mundo e as criaturas”, Silva conduz o leitor por

uma série de datas e eventos que enquadra as alunas concluintes do curso ginásial do Colégio São José, no ano de 1960. Ela refere-se a acontecimentos de âmbito nacional e internacional, a marcas temporais que, apresentadas como são, caracterizam o pandeterminismo que reuniu essas alunas numa mesma cidade, numa mesma escola, numa mesma turma. A turma é, então, apresentada por meio de uma fotografia, seguida de descrição narrativa das alunas e dos três professores que aparecem na foto. A narrativa segue pontuando alguns procedimentos que a direção do colégio tomava para organizar, dividir e misturar as turmas de alunas internas e externas. Esse capítulo se encerra com a crônica “No limiar de uma nova era: os anos 60”, em que são arrolados alguns hábitos, práticas, acontecimentos culturais, sociais e políticos que marcaram os anos 1960 no Brasil e no mundo. Saltam do baú da memória a juventude brasileira, que se dividia entre os que defendiam o nacionalismo e os que se “americanizavam”; a vulgarização do *rock and roll* e sua convivência com a Bossa Nova, a Jovem Guarda e o Tropicalismo; a inauguração de Brasília; o movimento *hippie*, o feminismo e o advento da pílula anticonceptiva, compondo o quadro da revolução sexual; a Guerra Fria e outras guerras... Por fim, o golpe de 1964, que é apenas referenciado. A autora rememorante reafirma que as lembranças dos tempos que se seguiram ao golpe não cabem no seu livro, pois decidira de início dar espaço apenas às lembranças boas, às amargas, não...

O capítulo “O colégio e seus espaços”, que pelo título sugeriria apenas um passeio pelas instalações físicas da escola, vai muito além disso. De maneira bastante subjetiva, sem, contudo, romper com o caráter coletivo de suas reminiscências, Silva evoca lembranças que lhe afetam os sentidos. Esse é um capítulo de “memórias dos sentidos”. Visão, audição, olfato, tato e paladar se misturam na composição rememorativa do cotidiano, da rotina do Colégio São José. A descrição narrativa feita com maestria pela autora permite ao leitor enxergar o colégio e sentir a textura de suas paredes, suas salas, seus corredores, pátios e instalações diversas, tudo isso povoado por alunas e professores. Permite ainda que se ouçam as vozes, os risos, as músicas e os diversos outros sons que lá dentro se entoavam. Provoca-lhe o olfato, quando faz referência aos diversos aromas que envolviam as alunas, desde o caminho percorrido para chegar ao colégio até aqueles que eram produzidos por alguma atividade realizada dentro da escola mesmo. Por exemplo, o cheiro do pão que se fazia na padaria do colégio. Há ainda a memória gustativa que é provocada por esse mesmo pão e também pela lembrança de um

determinado doce feito de amendoim e outro feito de melado de cana. Mas a beleza maior desse capítulo constitui-se na trama imbricada dessas “memórias dos sentidos” com as histórias de vida das personagens que habitam o Colégio São José. Por meio de seus sentidos, Silva ativa a produção de suas lembranças. Tais lembranças, assim que narradas, produzem imagens, sons, texturas, aromas e sabores que provocam os sentidos do leitor.

“Professores e alunas” é um capítulo em que se pintam as práticas disciplinares e didático-pedagógicas a que as alunas eram submetidas pela escola, de forma geral, e pelos professores, em particular. Vera, puxando o fio das lembranças, consegue compor um painel vivo, em que o leitor, rompendo a barreira do tempo, se movimenta como se o passado fosse, no momento da leitura, o seu presente. Veem-se as alunas uniformizadas para o dia a dia e para as ocasiões especiais, que exigiam o uniforme de gala. Acompanham-se exercícios de caligrafia em meio aos quais Silva constrói algo da história de instrumentos como canetas de pena de aço, tinteiros, lápis e lâminas para apontá-los, lápis-tinta que não podia ser apagado, o surgimento da caneta Compactor e das práticas esferográficas. Preenchendo esse painel, vão surgindo professores e professoras, suas concepções e fazeres pedagógicos, as disciplinas que ministravam e as peculiaridades de como cada um se relacionava com as alunas e vice-versa. Percorrer esse painel torna-se um passeio divertido, mas, sobretudo, constitui um mergulho na memória da escola brasileira.

Um professor e duas professoras recebem deferência especial. São os “Mestres da paixão”. Afirma a autora que eles se destacam como importantes na sua formação de professora. Vera fora contagiada pela paixão com que esses mestres exerciam o magistério, com que lidavam com as disciplinas – História, Português e Inglês – que ministravam. A memória desses mestres é construída com tal consideração e carinho, com tintas de lembranças tão presentes, que eu, aluna da professora Vera, posso reconhecê-los na paixão com que ela também exerce o magistério, na paixão com que ela lida com a literatura, na paixão com que ela, por sua vez, contagia seus alunos. Por isso mesmo, “Mestres da paixão”, mais do que lembranças afetivas resgatadas com o fim de compor um capítulo de livro, configura memórias de um tempo que é sempre, porque constituem, no presente, a identidade da autora e de seus leitores.

Fechando o *Baú de memórias* com “Heranças e legados”, Silva tece considerações sobre a implicação que há entre o ato de lembrar e o de

esquecer. Suas ponderações fazem pensar que o trabalho de quem se põe a construir memórias se assemelha à atividade do arqueólogo que, ao mesmo tempo em que escava, varre a terra, retira o pó de um sítio, encobre outro. Assim é o ato de rememorar. À medida que se fazem saltar do abismo do tempo algumas lembranças, outras ficam relegadas, encobertas pela poeira do esquecimento. Nesse último capítulo, a autora evidencia a memória como fator importante, imprescindível mesmo na constituição do ser. “Quem perde a memória deixa de ser.” A memória é ainda ressaltada como elemento que garante a acumulação de informações no decorrer do processo educacional, além de possibilitar a organização da vida social, seja no campo afetivo, seja no profissional. Mas ela evidencia também a importância do esquecimento, ou cairíamos na infelicidade do personagem de Jorge Luis Borges que nada esquecia... Os leitores hão de convir que, se com certa frequência sofreremos por esquecer, certamente sofreríamos muito mais se nada esquecêssemos.

Numa escrita fluida, leve como as memórias que se dispôs a resgatar do baú, acessível e rica na produção de sentidos e imagens, Silva trabalha como pêndulo-figura que parece muito apreciar, pois ela está presente neste livro e estava sempre presente em suas aulas – oscilando entre as considerações teóricas e a narrativa, de forma a fazer com que o leitor atravesse o livro sem solavancos e sem sustos. Não falta ao livro o reconhecimento, por parte da autora, de que as memórias aí construídas o foram a partir da sua história de vida e da percepção que tem hoje das vivências juvenis. Nem falta a compreensão de que, ao registrar suas próprias memórias, elas ultrapassam as fronteiras do individual, convertem-se em memória coletiva, porque se somam à memória social. Assim, “dentro desse baú, cada leitor, independente da idade ou do endereço onde mora, vai encontrar também um pouco de sua própria vida”. Vale a pena abrir o *Baú da memória: crônicas do colégio*. Dentro dele o leitor se encontra e, certamente, se sentirá tentado a registrar suas lembranças do tempo de escola, contribuindo, como Vera Maria Tietzmann Silva, para a construção da memória da educação no Brasil, em suas possíveis e incontáveis versões.